



DOI: 10.20396/urbana.v9i2.8648505

## **ARQUITETURA DAS COLÔNIAS DE IMIGRAÇÃO ALEMÃ INTERPRETAÇÃO A PARTIR DE DOCUMENTAÇÃO ICONOGRÁFICA**

### **ARCHITECTURE OF GERMAN IMMIGRATION COLONIES INTERPRETATION FROM ICONOGRAPHIC DOCUMENTATION**

Vera Lucia Vieira Lima; Renata Hermann de Almeida  
Universidade Federal do Espírito Santo  
veralyma@gmail.com; renatahermann@gmail.com

#### **Resumo**

Fontes documentais iconográficas oferecem importantes subsídios para pesquisa acerca da arquitetura e da cidade. Este artigo discute a arquitetura produzida no final do século XIX e início do século XX, edificada em colônias pioneiras da imigração alemã no estado do Espírito Santo, a Colônia de Santa Isabel (atual município de Domingos Martins) e a Colônia de Santa Leopoldina (atual município de mesmo nome). Faz isto por meio de fontes documentais fotográficas, com o objetivo de analisar esta produção e, desta maneira, compreender suas origens culturais. A metodologia utilizada possibilita verificar, nas imagens pesquisadas, dois processos: para as áreas rurais, persistência e consolidação, a figura da continuidade; para as áreas urbanas, adaptação e transformação, a figura do fragmento.

#### **Palavras-chave**

Arquitetura. Imigração Alemã. Documentação Iconográfica.

#### **Abstract**

*Iconographic documentary sources provide important subsidies for research on architecture and the city. This article discusses the architecture produced in the late nineteenth and early twentieth century built in pioneer colonies of German immigration in the state of Espírito Santo, the Santa Isabel Colony (current municipality of Domingos Martins) and the Santa Leopoldina Colony (current municipality of the same name). It does this through photographic documentary sources, with the purpose of analyzing this production and, in this way, understanding its cultural origins. The methodology used allows to verify, in the images studied, two processes: for the rural areas, persistence and consolidation, the figure of continuity; For urban areas, adaptation and transformation, the figure of the fragment.*



DOI: 10.20396/urbana.v9i2.8648505

## **Keywords**

*Architecture. German Immigration. Iconographic Documentation.*

## **1. Introdução**

O número de pesquisas existentes sobre o modelo arquitetônico produzido por imigrantes germânicos no Espírito Santo é restrito, especialmente se avaliado frente ao significado dos mesmos para a história do estado. Fato que dificulta o reconhecimento das contribuições de origem germânica ao patrimônio urbano capixaba. Pretende-se, assim, alterar esse quadro, face ao legado cultural da imigração no estado do Espírito Santo. Pesquisas apontam características de origem germânica, presentes nas edificações por eles produzidas, entretanto esses trabalhos, de grande relevância para identificação desse legado, em maioria, enfatizam a produção nas áreas rurais, ficando a porção urbana ainda com restrito reconhecimento.

Considerando esse quadro, o artigo analisa e interpreta a arquitetura da imigração alemã, por meio da leitura de documentação fotográfica histórica e com foco nas colônias imperiais pioneiras, fixadas em território capixaba na segunda metade do século XIX - as colônias Santa Isabel e Santa Leopoldina, marcos da política imperial de imigração no estado.

A história da ocupação do território espírito-santense adota fontes iconográficas para o reconhecimento de sua origem e evolução. Portanto, a análise do documento iconográfico é de suma importância metodológica, fundamentalmente na etapa de aproximação e identificação de objetos de pesquisa. Entre essas, destaca-se a fonte fotográfica, amplamente utilizada como documentação em pesquisas históricas.

Em *História & Fotografia* (2003), Maria Eliza Linhares Borges atenta para a obediência a critérios metodológicos para o reconhecimento do compreensível e do subentendido na imagem. Também Boris Kossoy, em *Realidades e ficções da trama fotográfica* (2002), alerta para a importância de metodologias adequadas de análise e interpretação em investigação referenciada em fotografias. Para o autor, a análise iconográfica trata da face mais evidente e visível da fotografia (assunto, espaço, tempo, fotógrafo e outros), enquanto a interpretação iconográfica trata da face oculta da fotografia, e requer o resgate da história do assunto representado (KOSSOY, 2002, p. 58).



DOI: 10.20396/urbana.v9i2.8648505

Considerando estas ideias, adota-se a iconografia como fonte documental da investigação, utilizando a metodologia de contextualização e cruzamento de documentos iconográficos e escritos para análise da arquitetura erguida por imigrantes alemães.

O artigo estrutura-se a partir da contextualização e relato dos primórdios da imigração alemã no Espírito Santo; segue discutindo a valorização e o uso de fontes fotográficas no Brasil e os principais autores para o período pesquisado. Conclui identificando elementos da herança cultural presentes na arquitetura erguida nas colônias de Santa Leopoldina e Santa Isabel.

## 2. Os primórdios da imigração alemã no Espírito Santo

A fundação das colônias de Santa Isabel e Santa Leopoldina é considerada um marco pioneiro da imigração germânica no Espírito Santo. Conforme Gilda Rocha, em *Imigração estrangeira no Espírito Santo 1847-1896* (2000), essas colônias ocupam territórios próximos aos rios Jucu, Braço Sul e Santa Maria da Vitória. Grandes acontecimentos políticos surgem no século XIX, marcando o ordenamento territorial brasileiro de forma significativa, como o resultado da vinda dos imigrantes para o estado do Espírito Santo, revelada como fator determinante de “[...] uma solução para o povoamento da terra, o que resultaria num melhor desempenho da economia” (ROCHA, 2000, p.32).

Segundo Rocha(2000),Santa Isabel, criada em 1847, atual município de Domingos Martins, é ocupada por imigrantes oriundos da região central do Reno, Hunsruck e Hesse, aos quais, a partir de 1858, se juntam alemães da mesma região dos anteriores, além dos bávaros, prussianos, entre outros. Passada uma década, Santa Leopoldina, criada em 1856, recebe, entre 1857 e 1860, famílias de origens suíça, hanoveriana, luxemburguesa, prussiana, holsteniana, hesseniana, austríaca, holandesa, badensiana e pomerana. Em 1867, com o reinício da chegada de imigrantes, a colônia volta a receber imigrantes de origem alemã (Figura 1).

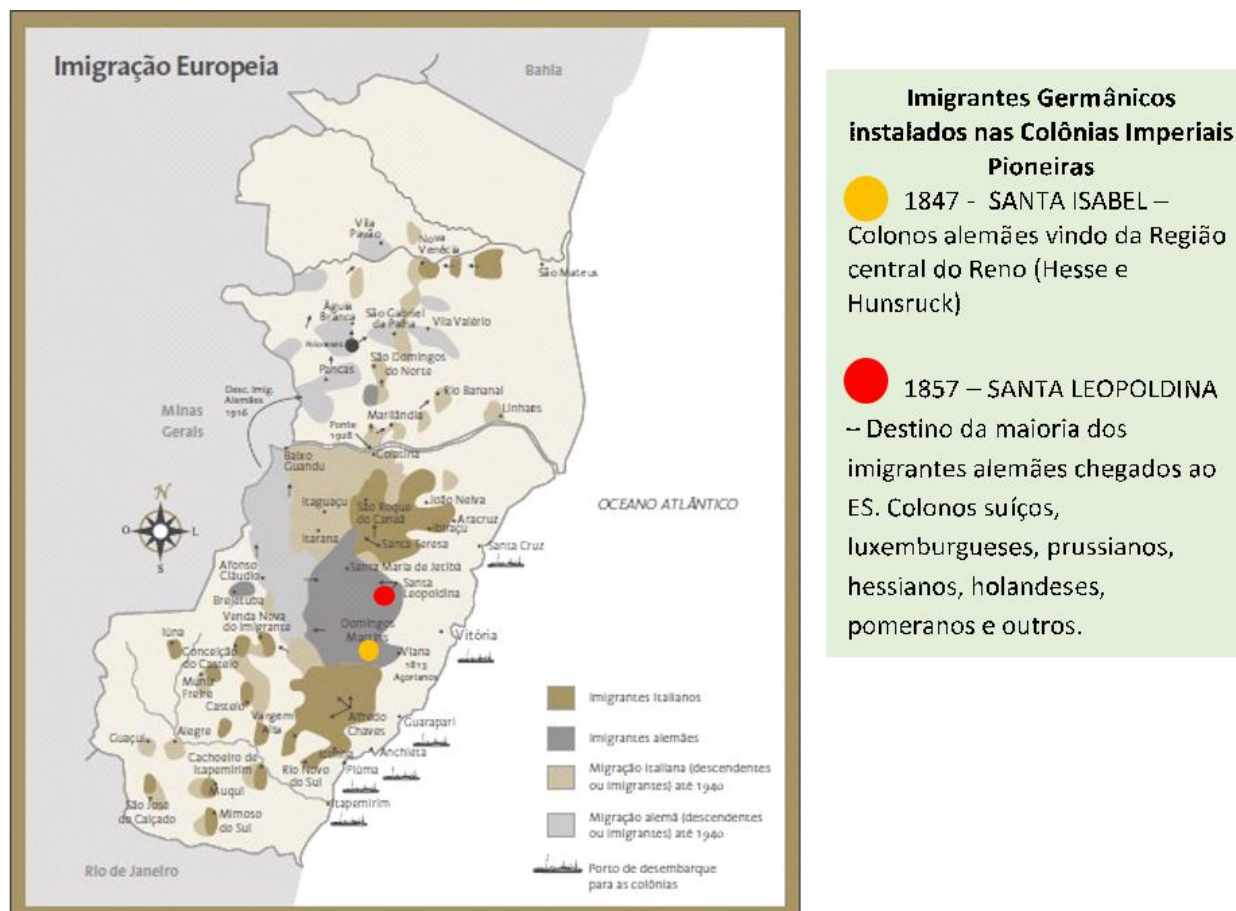


Figura 1 – Mapa da Imigração Europeia no Espírito Santo

Fonte: Martinuzzo (2009).

Nota: Marcações das autoras.

Conforme José Eugênio Vieira e Joel Guilherme Velten, em *Os Italemães na terra dos botocudos* (2015), cerca de dez anos após a fundação da antiga Colônia de Santa Isabel, motivados pelas desarmonias religiosas e dificuldades de aclimatização, os colonos sobem mais a serra da Boa Vista, em busca de um ambiente climático mais agradável. Nesse período, os alemães católicos fundam a Vila de Santa Isabel e os luteranos seguem um pouco mais adiante, instalando-se num local chamado por eles de “Campinho”, onde fundam outra vila, atual sede do município de Domingos Martins (Figura 2).

Ivan Seibel, em *Imigrante no século do isolamento / 1879 – 1970* (2010), cita dois conjuntos urbanos formados na colônia de Santa Isabel que se sobressaem: Santa Isabel e Campinho. Na vila de Santa Isabel, constituída por católicos, após a emancipação da colônia, instala-se a câmara de vereadores e a paróquia católica. Em Campinho, constituída na maioria

de luteranos, constrói-se a sede da paróquia luterana e o centro comercial. Segundo Ernst Wagemann, em *A colonização alemã no Espírito Santo* (1949), os alemães agricultores vivem isolados em sítios situados nas proximidades das vilas e a maioria dos residentes das porções concentradas, comunidades de Santa Isabel e Campinho, são artífices e negociantes.

Quanto à Colônia de Santa Leopoldina, os pomeranos são assentados em propriedades rurais de forma isolada, formando comunidades e vivendo da policultura de subsistência, considerando o café como fonte principal de prosperidade; enquanto na sede da colônia se agrupam em torno da atividade comercial (SEIBEL, 2010), situação mantida até 1910. Em Cachoeira de Santa Leopoldina (sede), se instalam os comerciantes que “[...] gradativamente foram acumulando riquezas, transformando-se aos poucos em uma nova burguesia capixaba” (SEIBEL, 2010, p.227). Wagemann (1949), após viagem às regiões colonizadas por alemães, na primeira década do século XX, relata a importância de Porto de Cachoeiro para a colônia de Santa Leopoldina, onde a presença dos alemães é a dominante no controle das atividades de comércio e indústria (Figura 2).



Figura 2 – (a) Detalhe do Mapa Geral da Província do Espírito Santo: relativo às colônias e vias de comunicação – 1866. (b) Foto Satélite: Localização atual de Santa Leopoldina – 2016. (c) Foto Satélite: Localização atual de Santa Isabel e Sede de Domingos Martins “Campinho” – 2016.

Fontes: Mapa – Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES). Imagens Satélite – Google Maps

### 3. Documentação Iconográfica: objeto e método de pesquisa

Em se tratando de documentação iconográfica, preliminarmente, é importante refletir acerca do potencial da imagem visual como fonte de informação a ser explorada em estudos multidisciplinares. Alguns estudos acadêmicos balizam e indicam que o interesse sobre o assunto tem se ampliado ao longo do tempo. Ulpiano T. Bezerra de Meneses, em *Fontes visuais, cultura visual, História visual: Balanço provisório, proposta cautelares* (2003), destaca



DOI: 10.20396/urbana.v9i2.8648505

ser a História da Arte, consolidada no século XVIII, um dos primeiros campos disciplinares a reconhecer e adotar a imagem visual como objeto referencial de estudo.

Menezes (2003), considerando as cautelas para o uso de fontes visuais, no campo da disciplina da História, aponta a problemática da visualidade dessas, que consiste em evitar ilusões. Nesse sentido, no uso de fontes visuais, é necessária a utilização de informações históricas externas a elas. Isso significa que a História, como no passado, ainda utiliza as fontes visuais, salvo algumas exceções, como ilustrações que não têm relação documental com o texto. Isso implica em um desperdício do seu potencial (MENESES, 2003, p. 20-21).

Entretanto, ainda segundo Menezes (2003), é no campo da imagem fotográfica que se excetua a problemática acima citada. "É o campo que melhor absorveu a problemática teórico-conceitual da imagem e a desenvolveu intensamente, por conta própria" (MENESES, 2003, p. 21).

Ao tratar das representações fotográficas, Boris Kossoy, em outro livro de sua trilogia teórica, *Os Tempos da Fotografia: o Efêmero e o Perpétuo* (2007), ressalta a força documental das informações iconográficas nelas registradas. O autor também reflete acerca da relevância das fotografias que registram as informações da cidade, em um diálogo silencioso com o passado. Ao exemplificar o assunto, cita o "movimento de uma rua na segunda década do século XX: a arquitetura dos edifícios, as fachadas de estabelecimentos comerciais e de serviços, [...]" (KOSSOY, 2007, p. 40-41).

Para Borges (2003), a partir de meados dos anos 1970, o crescimento da valorização da produção fotográfica motiva o seu recolhimento e organização em arquivos públicos e privados. Porém, muito dessa "[...] documentação coletada é anônima, não possui data ou local de produção" (BORGES, 2003, p. 87). Esse fato contribui para dificultar a sua leitura e identificação. A autora atenta, ainda, para a observação de interesses dos financiadores das viagens fotográficas (casas comerciais, governos, instituições científicas e outros de interesses próprios), expressos em elementos priorizados no registro. Segundo Borges (2003), no Brasil, muito dessa produção se deve ao trabalho de fotógrafos viajantes estrangeiros que aqui estiveram ou vieram morar somados aos brasileiros. Para Boris Kossoy, em *Fotografia & História* (2001), a tarefa mais importante numa pesquisa histórica é a procura pelos profissionais atuantes no local e período estudado, sendo necessário a organização e fichamento da produção preservada em acervos, para a futura investigação. Assim, é possível explorar informações como datação, local de origem, autoria e pistas contidas na iconografia fotográfica como fonte histórica para subsidiar pesquisas.





DOI: 10.20396/urbana.v9i2.8648505

Sobre a produção de fotógrafos estrangeiros nas colônias de ocupação germânica do Espírito Santo, destacam-se Jean Victor Frond (1860) e Albert Richard Dietze (século XIX). Para Cilmar Franceschetto, em *Victor Frond – 1860: uma aventura fotográfica pelo itinerário de D. Pedro II na província do Espírito Santo* (2015), em suas produções, os dois

[...] revelam similaridade nas composições, cortes, enquadramentos, e na escolha das angulações de panoramas de Vitória e das antigas colônias agrícolas da região serrana do Estado. Mantém destaque nessa temática a diversidade de espécies nativas, a derrubada da mata das encostas dos morros, para o plantio e a construção das moradias pelos colonos europeus, com madeira retirada dos lotes agrícolas adquiridos por eles, cujos elementos analógicos denotam configurações e temporalidades muito próximas. (FRANCESCHETTO, 2015, p.16-17).

De acordo com Franceschetto (2015), Frond viaja para a capital e interior do estado, por solicitação do imperador D. Pedro II, com a missão de retratar as colônias imperiais em fase de estabelecimento. Assim, produz imagens valiosas, ilustrativas de obras bibliográficas, exposições e acervos (LOPES In FRANCESCHETTO, 2015). Por sua vez Dietze, na condição de "colono europeu" e "artista-fotógrafo", de acordo com Almerinda da Silva Lopes, em *Albert Richard Dietze, um Artista-fotógrafo Alemão no Brasil do séc. XIX* (2003), produz imagens, em sua maioria, tematizando a vida dos imigrantes, entre 1869 a 1877. Parte dessa produção pertence à "Coleção Theresa Christina Maria", da Biblioteca Nacional do Brasil - BNB. Quanto às intenções do trabalho do fotógrafo, Lopes (2003) informa que:

Essas imagens foram enviadas por Dietze à família imperial, a quem pedia ajuda para produzir material publicitário, cujo objetivo era divulgar, na Alemanha, as colônias capixabas, para atrair a vinda, para cá, de um número ainda maior de imigrantes. Tal propaganda deveria conter, além de textos escritos, também imagens iconográficas. (LOPES, 2003, p. 18).

Quanto à produção de brasileiros do período e locais estudados, destacam-se as fotografias do carioca Eutychio d'Oliver Vasconcellos. Conforme Almerinda da Silva Lopes, em *Memória aprisionada: a visualidade fotográfica capixaba 1850/1950* (2004), o referido fotógrafo é autor de álbum fotográfico com imagens de todo Espírito Santo, elaborado por solicitação do governo do estado, visando divulgação na Exposição Nacional de 1908. Parte das fotografias desse álbum pertence ao acervo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico



DOI: 10.20396/urbana.v9i2.8648505

Nacional - IPHAN-ES, “[...] revelam esmeradas composições e elaboração técnica, com destaque para as gradações de tons e meios-tons e magníficos contrastes e efeitos de luz e sombra” (LOPES, 2004, p. 196). Segundo Museu de Arte do Espírito Santo - MAES, a temática principal de d’Oliver é o universo arquitetônico e o desenho urbano de cidades do Estado do Espírito Santo na época.

#### **4. Arquitetura das Colônias de Santa Isabel e Santa Leopoldina (ES): uma interpretação por meio de documentação fotográfica**

Ao estudar a *Arquitetura popular da imigração alemã* (2005), Günter Weimer identifica a “cabana” como o “primeiro abrigo”, em geral implantada preferencialmente próxima de rios e córregos, que fornecem água. Na construção da barraca, os materiais utilizados são aqueles que a floresta oferece. Para Weimer, o propósito desta primeira edificação é servir como abrigo provisório durante a derrubada da mata para o estabelecimento do rancho onde, a seguir, é erguida a casa do colono. Como essas construções não mais existem, o autor se baseia em relatos de pessoas que conviveram com os construtores imigrantes.

Na análise das fotografias de Jean Victor Frond, datadas de 1860, é possível reconhecer a construção provisória, à época do desbravamento da terra (Figura 3). São identificados a forma (cabana), a função (abrigo) e os materiais de construção (oferecidos pela natureza). Quando as fotos são produzidas, as colônias de Santa Leopoldina e Santa Isabel estão com apenas três e treze anos de ocupação, respectivamente. Como decorrência, além das cabanas, observa-se, na colônia de Santa Isabel, construção não característica do início da ocupação: localizada em segundo plano, em posição elevada e na margem oposta do rio Jucu, que segundo Franceschetto (2015, p. 170) é a residência de Jacob Gerhardt.





Figura 3 – Primórdios da Ocupação – Construção provisória - Segunda metade do século XIX  
 Fonte: Elaborado pelas autoras.

Passada a fase do reconhecimento do lote, é chegado o momento de derrubada e limpeza do local onde se pretende construir a casa (Figura 4). A área escolhida para implantação da edificação é preferencialmente “[...] onde havia uma suave elevação, a cujo sopé, talvez a uns cinquenta passos do lugar mais alto, corria um límpido regato” (WEIMER, 2005, p.133). Ainda segundo Weimer, nos primórdios da ocupação, a madeira extraída da mata ainda é o principal material utilizado para construção da casa, estábulo, galinheiro, varais e cercas. As paredes são executadas em taipa, com amarra de galhos com cipós e vedação, preenchidas com mistura de barro e palha (Weimer, 2015, p.136).

Conforme Vieira e Velten (2015), os colonos de Santa Isabel, após 3 a 4 anos de chegada aos lotes, constroem suas casas nas “[...] encostas das montanhas, onde haviam feito as suas lavouras de café. Circundando a casa, havia sempre uma varanda. A cobertura era feita de taboinhas, cujas madeiras eram apropriadas para tal, pois, eram de maneira geral, artesãos” (VIEIRA e VELTEN, 2015, p.41).

Fotografias ilustram os relatos acima: a fase de formação do rancho é caracterizada por construções de formas simples (retangulares), multifuncionais (moradia, venda, depósito e criação de animais) e erguidas com materiais oferecidos pela natureza. Nas fotografias de Frond observa-se as derrubadas da mata, a madeira utilizada na cerca e a proximidade do rio na Colônia de Santa Isabel.

Na colônia de Santa Leopoldina, as fotografias de Albert Richard Dietze, registram derrubada de mata e proximidade com água, plantações de café e o uso da madeira nas construções, cercas e edificações de apoio. Reforça-se nessa imagem o que Lopes (2003) informa acerca da intenção do fotógrafo, comentado anteriormente: revelar a importância da colônia, enfatizando o cultivo do café e o progresso da colonização brasileira para atrair mais imigrantes vindos da Alemanha.



Figura 4 – Primórdios da Ocupação – Reconhecimento e Ocupação - Segunda metade do século XIX  
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Weimer (2005) acredita que a técnica construtiva de pau-a-pique, utilizada na construção das edificações, faz parte de conhecimento trazido como bagagem cultural. Na figura 4, a edificação da esquerda do Prazo do colono Ignaz Helmer, é construída utilizando essa técnica nas vedações. Resultante do saber fazer, o domínio da técnica do pau-a-pique apresenta variações resultantes das experiências dos imigrantes e seus descendentes.

Após a construção do rancho, Weimer (2005) indica a possibilidade de ser construída uma edificação intermediária, mais ampla, antes da casa definitiva (Figura 5). Há casos de edificações da fase intermediária construídas em enxaimel, técnica construtiva alemã. Na interpretação da documentação iconográfica, são identificadas fotografias ilustradoras desse tipo de construção na colônia de Santa Isabel, erguidas com a técnica do enxaimel e da taipa, elevadas do solo, apoiadas em madeira ou pedra, e telhados compostos por dois planos de

cobertura. Observa-se uma varanda frontal e uma portinhola situada no eixo de simetria do frontão.

A vedação em enxaimel e a alvenaria de tijolos são identificados em fotografia do acervo da Casa da Cultura de Domingos Martins, disponíveis na *web* no *site da Câmara Municipal de Domingos Martins*. No referente à Colônia de Santa Leopoldina, apesar da impossibilidade de verificar o uso da técnica do enxaimel, identifica-se construção semelhante às apresentadas por Weimer como da fase intermediária: com frontões “[...] fechados por tábuas verticais de juntas secas. As tábuas terminam a meia altura dos barrotes [...]” (WEIMER, 2005, p. 146).



Figura 5 – Primórdios da Ocupação – Construção Intermediária - Segunda metade do século XIX  
 Fonte: Elaborado pelas autoras.

No que se refere à edifícios de uso institucional (Figura 6), como igrejas, segundo relato de imigrantes, “nas construções já um pouco maiores como as igrejas, eram utilizados recursos mais elaborados para dar estabilidade às paredes” (SEIBEL, 2010, p. 319). Uma dessas edificações, a capela evangélica de Luxemburgo, na colônia de Santa Leopoldina, é retratada por Dietze.

Para a Colônia de Santa Isabel, as fotografias confirmam relato de Maria Izabel Perini Muniz, em *Cultura e Arquitetura: A casa rural do imigrante Italiano no Espírito Santo* (1997), em relação aos dois núcleos históricos formados:



[...] um denominado Santa Isabel, como a colônia, e outro, Campinho, nome referente ao sítio do núcleo, um dos raros espaços planos entre os dois braços do rio Jucu. O primeiro núcleo foi constituído essencialmente por colonos católicos e o segundo, protestantes, afirmando-se desde a fundação a importância da religião na colônia. (MUNIZ, 1997, p.40).

Em fotografias disponibilizadas no *sítio virtual da Câmara Municipal de Domingos Martins*, a arquitetura religiosa, representada pelas igrejas católica de Santa Isabel e evangélica luterana de Campinho, está recorrentemente presente. Segundo Vieira e Velten (2015), a primeira edificação religiosa da Colônia de Santa Isabel (1847), ecumênica, apresenta estilo gótico "atemporal" e alvenaria em pedra e cal (1856-1858). Em desenho da fachada e vista interna do altar, não aparecem as duas torres, indicando serem construções posteriores. Quanto à igreja evangélica luterana, construção de barro socado, inaugurada em 1866, a torre é construída em 1887 e o relógio é inaugurado em 1937 (VIEIRA e VELTEN 2015, p.241). Sem as torres, as duas construções apresentam óculo redondo no frontão, telhado de duas águas, esquadria da porta de madeira com parte fixa em arco pleno.



Figura 6 – Desenvolvimento – Construção Institucional – Final do século XIX e início do século XX  
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Conforme Muniz (1997), é na paisagem e na arquitetura que o imigrante germânico deixa os vestígios de sua cultura. Tradicionalmente ocupantes de áreas rurais, em sua maioria, os alemães, principalmente os de origem pomerânia, abrigam-se no campo em "colônias-

famílias”, residindo em casas que conservam traços dos imigrantes pioneiros. Alguns desses imigrantes se concentram nos núcleos sedes.

Nos anos finais do século XIX, as fotografias demonstram o início do crescimento das localidades de Porto de Cachoeiro e Campinho. As fotografias de Dietze documentam o surgimento de casas concentradas nas sedes das colônias (Figura 7).



Figura 7 – Desenvolvimento – Ocupação do Centro - Final do século XIX e início do século XX

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Em 1877, Porto de Cachoeiro está constituído por construções erguidas na rua comercial do núcleo urbano. À época, a maioria, implantada na face da rua justaposta à encosta, tem fachada voltada para o Santa Maria da Vitória. Imagens mostram casas térreas e sobrados cobertos por telhados de cumeeira elevada e dotados com planos de caída da água direcionados para a rua. Em conjunto, verifica-se uma arquitetura com aspectos, identificados por Nestor Goulart Reis Filho, em *Quadro da arquitetura no Brasil* (2006), como próprios à segunda metade do século XIX e aproximados ao modelo colonial de implantação: edificadas sobre o alinhamento das vias e sobre os limites do terreno. Conforme Luciana da Silva Florenzano e Renata Hermann de Almeida, em *Sítio Histórico de Santa Leopoldina: Aspectos históricos e teóricos para sua conservação*,

[...] nota-se no segundo momento da ocupação de Santa Leopoldina, junto ao Porto de Cachoeiro, edificações construídas em alvenaria autoportante com uso de tijolos maciços. Nos sobrados, em muitos, são usadas alvenaria de pedra no térreo e tijolos

maciços no segundo pavimento, [...]. (FLORENZANO e ALMEIDA, 2014, p. 9-10)

No núcleo Campinho, Colônia de Santa Isabel, a arquitetura é representada pela igreja evangélica luterana e primeiras construções da rua principal, ainda sem calçamento e passeio, e são registradas a casa do pastor, próxima à igreja, e residências de colonos. Aos fundos, Vieira e Velten (2015) identificam na residência dos Schlenz (ainda existente nos dias atuais), construção em enxaimel com vedação em taipa com telhado de cumeeira elevada e duas águas, e varanda frontal, persistências da cultura germânica.

Conforme Weimer (2005), com o desenvolvimento das colônias, as construções sofrem transformações e adaptações de suas origens arquitetônicas referentes ao partido, programa e técnicas construtivas (Figura 8). O autor cita o uso de material cerâmico em paredes de vedação e telhas de cobertura, a substituição da estrutura de madeira por alvenaria de tijolos, e a introdução de vidros em esquadrias e uso de tampos duplos externos e vidraças de guilhotina interna.



Figura 8 – Desenvolvimento – Transformação/Adaptação - Final do século XIX e início do século XX

Fonte: Elaborado pelas autoras.

No que se refere ao auge e posterior emancipação das colônias pioneiras, a arquitetura urbana domina a cena das fotografias, cuja temática principal é a dinâmica do comércio (Figura 9). Observa-se o aperfeiçoamento das técnicas construtivas, citado por Reis Filho(2006), como próprio do período da decadência do trabalho escravo e do início da





DOI: 10.20396/urbana.v9i2.8648505

imigração europeia, compreendido entre 1850 a 1900. São encontradas nesse período:

As primeiras manifestações da mecanização na produção de materiais de construção e a presença dos imigrantes como trabalhadores assalariados respondiam pelas alterações das técnicas construtivas nessa época. Surgiam então as casas construídas com tijolos e cobertas com telhas tipo Marselha, onde a madeira serrada permitia um acabamento mais perfeito de janelas, portas e beirais. Estes últimos ostentariam ornamentos de madeira serrada, conhecidos como lambrequins. (REIS FILHO, 2006, p.48)

Nas fotografias do início do século XX, na Vila de Santa Isabel, em Campinho e Porto de Cachoeiro, a arquitetura apresenta mudanças discretas, observadas em detalhes decorativos. É possível verificar nas imagens, vãos das janelas que apresentam modenatura em arco pleno e pilastras, composição classicista e verga em arco abatido utilizado da arquitetura do século XIX. Reafirma-se, assim, tendência verificada na arquitetura brasileira de aproximação à modelos europeus (REIS FILHO, 2006).

Nas edificações, verifica-se a conservação de elementos da arquitetura do século XIX, como a relação entre a edifício e lote; porém, aparecem traços de transformação: telhado em duas águas direcionadas para as laterais do lote, “[...] sentido oposto ao da tradição luso-brasileira” (REIS FILHO, 2006, p. 158). Nas imagens também aparecem calçadas, calhas e materiais construtivos importados, como vidro de esquadrias e gradis de sacadas do segundo pavimento e portas do térreo, e, ainda, platibanda, elemento estético. Reforça-se, com isso, o crescimento econômico das localidades espelhado na sua arquitetura (Figura 10).



Figura 9 – Desenvolvimento – Dinâmica Comercial – Primeiras décadas do século XX

Fonte: Elaborado pelas autoras.



Figura 10 – Desenvolvimento – Arquitetura espelha crescimento econômico – Primeiras décadas do século XX

Fonte: Elaborado pelas autoras.

## 5. Considerações Finais

O artigo promove reflexões sobre a arquitetura do imigrante alemão no final do século XIX e início do século XX, por meio de fontes documentais fotográficas e contextualização teórica e metodológica de imagens objetivando reconhecer referências históricas e tipologias.



DOI: 10.20396/urbana.v9i2.8648505

A análise é preliminar, considerando a necessidade de ampliar as fontes de pesquisa para a compreensão das especificidades da arquitetura dos núcleos de colonização, atualmente as cidades de Santa Isabel, Sede de Domingos Martins ("Campinho") e Santa Leopoldina.

Inicialmente, faz relato sobre a história da imigração nas colônias Santa Isabel e Santa Leopoldina pontuando importâncias e especificidades. Ao verificar a origem dos pioneiros da imigração, confirma-se a proveniência germânica, em sua maioria alemães e pomeranos. Da mesma forma, observa-se a importância dos cursos d'água na instalação das colônias pioneiras, confirmada nas imagens fotográficas.

A tarefa proposta por Kossoy (2001) - a procura pelos fotógrafos e suas respectivas produções - é considerada fundamental para a exploração e leitura da iconografia fotográfica. Conhecer as fotografias, autores, intenções, datação, origem e pistas, auxilia a etapa de utilização das mesmas como fonte de pesquisa na análise da arquitetura.

As imagens permitem concluir que a arquitetura produzida na segunda metade do século XIX expressa adaptações da tradição alemã às condições ambientais, ao encontro com outras etnias, e a disponibilidade material. Com o passar do tempo e a consolidação das colônias, a origem camponesa dos imigrantes permanece culturalmente persistentes na arquitetura rural, e integradas ou divergente na arquitetura urbana.

Em Santa Leopoldina, a sede da colônia, implantada e desenvolvida junto ao Rio Santa Maria da Vitória, e impulsionada pela intensa movimentação de pessoas e circulação de mercadorias, tem sua arquitetura determinada pelo intercâmbio comercial em torno de seu porto. Em Campinho, o comércio se desenvolve com a movimentação das tropas e mercadorias. Em sua totalidade, as imagens registram o progresso das cidades espelhado na arquitetura para as duas colônias. Elementos estéticos, emprego de materiais importados e influências de estilos europeus são características marcantes.

## 6. Referências

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Acervo Digital**. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervodigital/>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DOMINGOS MARTINS (Município). **Acervo Digital do portal da Câmara Municipal**. Álbum



DOI: 10.20396/urbana.v9i2.8648505

Fotos antigas de Domingos Martins. Disponível em:

<<http://www.domingosmartins.es.leg.br/comunicacao/fotos/fotos-antigas-de-domingos-martins>>. Acesso em: 15 maio 2016.

ESPÍRITO SANTO (Estado). **Acervo do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.**

FLORENZANO, Luciana; ALMEIDA, Renata Hermanny de. Sítio Histórico de Santa Leopoldina:

**Aspectos históricos e teóricos para sua conservação.** In: III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva. São Paulo, 2014. Disponível em:

<[http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/SC/POSTER/SC-PCI-027\\_FLORENZANO\\_ALMEIDA.pdf](http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/SC/POSTER/SC-PCI-027_FLORENZANO_ALMEIDA.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2016.

FRANCESCHETTO, Cilmar. **Victor Frond – 1860:** uma aventura fotográfica pelo itinerário de D. Pedro II na província do Espírito Santo. Vitória (ES): Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2015. 270 p. : il.

IPHAN. Superintendência do Iphan no Espírito Santo. **Acervo Digital da imigração.**

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História.** 2. ed. ver. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. 167p.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções da trama fotográfica.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. 149p.

KOSSOY, Boris. **Os Tempos da Fotografia: o Efêmero e o Perpétuo.** 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007. 176p.

LOPES, Almerinda da Silva. **Albert Richard Dietze:** um Artista-fotógrafo Alemão no Brasil do séc. XIX. Vitória: Editora A1, 2003.

LOPES, Almerinda da Silva. **Memória aprisionada:** a visualidade fotográfica capixaba 1850/1950. Vitória: EDUFES, 2004. 314p. :il.



DOI: 10.20396/urbana.v9i2.8648505

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. **Fontes visuais, cultura visual, História visual: Balanço provisório, proposta cautelares.** Revista Brasileira de História, São Paulo, v.23, n.45, p. 11-36, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882003000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000100002)>. Acesso em: 18 jun. 2016.

MUNIZ, Maria Izabel Perini. **Cultura e Arquitetura:** A casa rural do imigrante Italiano no Espírito Santo. Vitória: EDUFES, 1997. 217p. : il.

MUSEU DE ARTE DO ESPÍRITO SANTO – MAES. **Aracruz recebe exposição de fotografias do Espírito Santo no início do século XX.** Disponível em: <<http://maesmuseu.wix.com/maes#!Aracruz-recebe-exposiçao-de-fotografia-do-Espirito-Santo-no-inicio-do-seculo-XX/c193z/570e95380cf20b4e25a4a02d>>. Acesso em: 25 junho 2016.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil.** 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ROCHA, Gilda. **Imigração estrangeira no Espírito Santo 1847-1896.** Vitória: [s.n.], 2000.

SEIBEL, Ivan. **Imigrante no século do isolamento / 1879 – 1970.** 1. ed. São Leopoldo-RS: TRAÇO Produções Gráficas Ltda, 2010. 350f.: il.

VIEIRA, José Eugênio; VELTEN, Joel Guilherme. **Os Italemães na terra dos botocudos.** Vitória-ES: Grafitusa, 2015. 577 p. : il.

WAGEMANN, Ernst. **A colonização alemã no Espírito Santo.** Trad. De Reginaldo Sant'Ana. Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, separata dos n.68, 69 e 70. Nov. 1948, dez.1948, jan.1949. Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1949. 104 p.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular da imigração alemã.** 2. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. 296p.